

Aldeia Bilibiza, em Quissanga

Nyusi fala de incursão repelida, mas há relatos de raparigas raptadas

(Maputo) Durante o discurso de ocasião relativo à comemoração, sexta-feira, do dia das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), o Presidente da República, Filipe Nyusi, fez um comentário (não escrito) sobre a “bravura e entrega” que têm estado a ser demonstrados pelos jovens das Forças de Defesa e Segurança (FDS) na luta contra o terrorismo.

Nisto, Filipe Nyusi tocou, ao de leve, mais uma incursão terrorista na aldeia Bilibiza, no distrito de Quissanga, província de Cabo Delgado. Segundo palavras de Filipe Nyusi, as Forças de Defesa e Segurança tinham, na noite anterior ao 25 de Setembro, repellido fortemente um ataque terrorista àquela aldeia.

“Sei dizer que, ainda ontem, fortemente repeliram [as FDS] um ataque a Bilibiza” – deu a conhecer Filipe Nyusi, para quem “estes homens oriundos de todas etnias,

tribos, raças, credos religiosos, sem cores políticas e que têm em comum a bandeira multicolor que nos identifica como nação, têm demonstrado alto sentido de patriotismo, bravura e valentia em defesa da nossa soberania e integridade territorial”.

Mortos, raparigas raptadas e casas incendiadas

Entretanto, fontes contactadas pelo mediaFAX, a partir da cidade de Pemba, a capital provincial de Cabo Delgado, falam de um ataque severo que até permitiu que os terroristas reunissem, à força, a população local.

Dos prejuízos humanos, fala-se da morte de oito pessoas, havendo ainda o preocupante relato de raparigas raptadas e casas incendiadas, em mais um ataque que terá começado por volta das 16 horas até altas horas da noite do dia 24 de Setembro.

Ao que se conta, à chegada por volta das 16 horas, o grupo obrigou a população local a uma reunião na qual

os terroristas terão dito que perderam confiança com a população da aldeia local. A perda de confiança, segundo relatos, é que as populações foram à base terrorista buscar bens supostamente a eles [terroristas] pertencentes, isto depois de o referido acampamento ter sido destruído pelas FDS.

Provavelmente os bens que terão sido reivindicados pelo grupo são os mesmos que têm estado a ser roubados à população durante as incursões terroristas.

“Um deles tirou chapéu e disse que cada um devia deixar telefone e dinheiro que tivesse e depois eles escolheram raparigas e rapazes. O resto das pessoas foi dispensado e informado para abandonar a aldeia – narrou um refugiado que, na tarde de sábado, chegou à cidade de Pemba.

Segundo ele, no ataque da quinta-feira, maior parte das casas da população foi queimada. Nisto, maior parte dos residentes teve mesmo de abandonar a

aldeia, segundo exigência deixada pelo grupo atacante.

“Eu, minha esposa e nossas quatro crianças, andamos a pé até Nivico (também conhecido por Moja). Lá encontramos muitas pessoas com bagagens. Outras não tem dinheiro para apanhar transporte”

contou ele, para quem na falta de dinheiro, os refugiados são obrigados a continuar caminhando para algum lugar que se considere seguro. **(Sérgio Carimo)** *Artigo co-produzido com a Zitamar News, no âmbito do projecto Cabo Ligado, em parceria com a ACLED*